

Júlio Resende: a voz da pintura.

Júlio Resende: painting voice.

Resumo:

A pertinência deste artigo cinge-se à apresentação do percurso e obra do Pintor Júlio Resende no ano em que se encerram as comemorações do centenário de nascimento do pintor. As comemorações tiveram como objetivo celebrar o nascimento do pintor, valorizar o património artístico contemporâneo, dinamizar e aprofundar a obra de Júlio Resende.

Palavras chave: *Júlio Resende, Centenário, Alentejo, Ribeira, Goa e Brasil.*

Abstract:

The relevance of this article is limited to the presentation of the course and work of the painter Júlio Resende in the year in which the celebrations of the centenary of the painter's birth end. The celebrations had as objective to celebrate the birth of the painter, to value the contemporary artistic heritage, to dynamize and to deepen the work of Júlio Resende.

Keywords: *Júlio Resende, Centenary, Alentejo, Ribeira, Goa e Brasil.*

Júlio Resende, é um dos artistas relevantes da arte portuguesa, pintor do Porto apaixonado pela sua gente e pela sua luz, nasceu em 1917 e foi professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Viveu e trabalhou na capital nortenha, produzindo uma obra marcada pela universalidade, resultante de um profundo sentido de pesquisa multifacetada e com um contacto transfigurador dos cenários da realidade e das suas gentes.

Permanente influenciador do seu meio, Júlio Resende expos pela primeira vês individualmente em 1943, frequentando a Escola de Belas Artes do Porto desde 1937, tendo Dórdio Gomes como maior referente. Nesse enquadramento, tentou desenvolver espaço para experiências mais inovadoras que o ensino oficial permitiria na altura, participando no Grupo dos Independentes constituído por Nadir Afonso, Victor Palla, Júlio Pomar e Fernando Lanhas, entre outros.

Mais tarde, no seu papel pedagógico, Júlio Resende pela sua experiência e a sua vontade de desenvolver o papel da pintura, marca um lugar de relevo na Escola Superior de Belas Artes do Porto que começara a adiantar-se aos esquemas ortodoxos. Exerceu funções de direção na Escola e influenciou consecutivas gerações de artistas, acrescentou

modernidade, autonomizando-a numa linha estética mais académica introduzindo disciplinas e linguagens mais próximas da contemporaneidade. Resende procurava um acerto entre um verdadeiro desejo de pesquisa e a permanência viva dos valores da sensibilidade, equilíbrio difícil de alcançar. É neste permanente equilíbrio da forma que se define a própria obra de Júlio Resende.

Na abertura da Escola à sociedade foi pioneiro na criação de um espaço de reuniões de reflexão e convívio em sua casa, com especial participação dos colegas já referidos acima, nomeadamente Fernando Lanhas que era um dos principais animadores. Lutava-se contra as condições da natureza do ensino artístico, luta significativamente acompanhada por Dórdio Gomes.

Júlio Resende cultivava o gosto pelo clima íntimo, onde o lugar em que o artista vive implica muito da sua sensibilidade e da sua visão do mundo. Ali situado, Resende reabsorve no interior do lugar a serenidade com que pensa os modos de fazer, por várias vezes retomados e sempre redescobertos.

Artista com algumas décadas dedicadas à pintura e muitos outros dedicados ao ensino, Resende pertenceu a uma geração de artistas que acompanharam circunstâncias importantes do país e dos quais, deu dos maiores contributos para o aparecimento da arte moderna em Portugal. Resultando numa consagração, atribuída a Resende, como uma figura indiscutivelmente importante da arte portuguesa do século XX.

No entanto, Júlio Resende não foi um dogmático seguidor de nenhuma escola específica, podemos ler a sua obra com um conjunto de inteira coerência, onde ele, continuará sempre, um eterno independente.

Resende dedicava uma atenção exemplar às diversas tendências estéticas desde o início da sua atividade enquanto pintor e eterno pesquisador, procurando através delas, estruturar e definir um caminho composto e capaz de se revelar a si mesmo e aos outros. Esta postura transforma e ao mesmo tempo constrói a sua obra, sem dúvida muito pessoal, mas aberta a influências, desde sempre controladas na raiz expressionista que hoje é visivelmente definidora do seu trabalho.

Pouco antes de 1945, começou a tornar-se evidente um certo *cezannismo* (terminologia adotada por Rui Mário Gonçalves), influenciado e traduzido a partir da obra de Dórdio Gomes e Velasquez Diaz. O *cezannismo* poder-se-á compreender numa síntese formal e cromática onde os planos surgem de contornos contrastantes que refletem a passagem brusca entre os tons escuros e claros, que inevitavelmente acabam por se transformar em arestas.

O inevitável surgimento da Segunda Guerra Mundial, transforma e contamina a obra de muitos artistas e, conseqüentemente também, a de Resende. No entanto, a sua afirmação inicial no contexto artístico sobre a influência de Dórdio Gomes e Vasquez Diaz cobria em particular os elementos plásticos da pintura, sem nunca esquecer a presença e interesse pela representação de figuras típicas e populares.

Em 1945 Resende viaja por Espanha e aproveita a passagem por Madrid para estudar cuidadosamente pintores como Goya e receber os reflexos de um estado de espírito característico do pós-guerra por via do expressionismo, meio que se tornou vocação fundamental na sua obra.

O momento que se segue é o seu enquadramento na corrente artística do neorrealismo, circunstância de aprendizagem da densidade soturna, da componente cromática e da situação intencional de fatores morfológicos no campo representativo. É um momento que se mostra pelo empenho de muitos artistas portugueses em apresentar a exploração de uma linguagem de forte conteúdo social, marcadas por um forte fervor revolucionário e pelas vontades de demarcação das massas. Tanto nas artes plásticas, como na literatura, a intenção era traduzir o povo na sua autenticidade e na sua problemática.

À medida que esta corrente artística se estabelece e se questiona, o momento do abstracionismo começa a entrosar-se de forma contaminadora. Fernando Lanhas e Nadir Afonso são artistas que refletem e traduzem através das suas obras, esse momento. Júlio Resende apresenta uma contraposição às cristalizações da figuração neorrealista, com o florescimento da pintura em termos da sua essencialidade. Resende explorou o seu papel no neorrealismo de uma forma única, não se fixando na linha ortodoxa da corrente. A pressão das formas, em qualquer dos seus significados, impunha-se na força dos contrastes e as acentuações expressionistas.

Em 1947 Júlio Resende frequentou a Escola de Belas Artes de Paris, absorve influências de várias correntes importante de pintura, estuda a técnica do fresco e aproxima-se do Fauvismo, onde absorve o mais intensamente possível as formas de apresentação de grandes mestres da época, como por exemplo, Rouault de Permeque.

A sua presença em Paris encaminha-o para a simplificação das formas e para a afirmação do lado construtivo definido pela geometrização das formas.

“De um lado, a arte como projecto, do outro, a arte como destino. A primeira censura-se-lhe o ser abstracta, utópica; à segunda, o facto de se render sem combate. Depois tornar-se-à palpável que as correntes construtivistas que, com o seu projectismo a todo o transe, se propunham configurar “historicamente” o futuro da sociedade, careciam de relação histórica com a

sociedade real; e que as correntes opostas, anti-rationais, revelavam com extrema clareza a situação histórica de facto, por mais contraditória que pudesse parecer em relação à suposta coerência da história. Mas que o projecto era verdadeiramente utopia e que o destino era história só hoje podemos afirmá-lo”(ARGAN, 1988:147)

Resende deixa Paris e desloca-se para o **Alentejo**, onde faz uma grande reflexão sobre a sua pintura. Ganhou tempo de maturação das ideias e presenças de Paris, percorrendo as correntes informalistas, as correntes expressionistas (estas com grande influência de Othon Friez), até à necessidade da integração da sua própria forma de figuração do *Homem* e da *Paisagem*, que se tornam a essência do seu trabalho (Figura 1). Sentem-se de forma clara as plasticidades de síntese e a geometrização como preocupações latentes no seu processo criativo, onde a estruturação do espaço pictórico é preponderante.



Figura 1. Júlio Resende, *Sem título*, 1949. Tinta da china. Fonte: Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende

Figurar era também desfigurar e desfigurar era dar figura; portanto, figurar era sobretudo *transfigurar* (HERGOTT, 1993:112).

As definições de ordem nesta fase são: construção e expressão. A sensibilidade profunda pelo fazer da pintura em Resende é marcada pela qualidade da expressão e pelo seu valor, cada vez mais nítido e determinado pela construção. O artista entende a estrutura da linguagem e dos seus signos como uma mais valia profunda, definidores da

realidade plástica enquanto ato ou ação. A forma como resolve as suas problemáticas dá-lhe um lugar único na Arte e Pintura Portuguesa, bastará perceber como traçou o seu próprio caminho resistindo aos estímulos impostos do que se construía nesse momento.

Com a vinda para o **Norte** continuam evidentes as suas preocupações construtivas, mas acentua-se a ambiguidade entre a forma como estrutura, a figura e o fundo, e o lado mais abstratizante das suas preocupações formais.

Como diz numa carta a propósito de um convite para uma exposição: “Pertencço a uma geração que vive uma época de inquietude e se encaminha em avalanche para o imprevisível. É este o estado de espírito que me domina a todo o instante e, naturalmente, se exacerba quando pego nos pincéis. Daí o homem estar sempre nas minhas telas, embora esta presença seja mais espiritual que física”.

O Porto e a Ribeira liberta Resende da estrutura geometrizar, triangular e angulosa assumindo outros contornos. Poder-se-á afirmar que na transição de lugar, Resende perde formalismos e ganha espontaneidade. Esses valores traduzem-se em maior profundidade cromática, em formas densas onde as relações da figura com a paisagem se interligam harmoniosamente. A matéria texturante aparece também neste período de forma exuberante com força compositiva e dominante do espaço pictórico. Resende tornou-se um artista mais instintivo e espontâneo sem a estruturação compositiva que antes o definia.

“O ritmo de um questionar é, em si mesmo, o caminho de um pensar que, em vez de fornecer representações e conceitos, se experimenta e se prova a si mesmo como modificação na relação com o ser”. (HEIDEGGER, 1996)



Figura 2. Júlio Resende, *Sem título* (estudo para painel cerâmico da Ribeira), 1985. Técnica mista. 50x296 cm. Fonte: Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende

Outro momento de relevância no percurso do pintor Júlio Resende apresenta-se pelas suas viagens ao mundo lusófono, como por exemplo **Brasil** e **Goa**.

A liberdade compositiva e o gosto pela cor é o que melhor resume os resultados destas viagens e que podemos encontrar exemplo nos trabalhos patentes. As formas

libertam-se de preocupações estruturantes, a composição é mais desprendida e o cotidiano das pessoas e a natureza assumem primazia vinculativa. A natureza e a vida exclamam como podemos ver em algumas das composições únicas das aguarelas. Formam-se vibrações cromáticas e aparecem os primeiros sinais da “obliquidade”. Era um novo ritmo expressivo que marcava a sua pintura. É nos trabalhos do Brasil (e também de Korntal) que Resende afirmava uma força de inigualável qualidade no domínio da aguarela. Temos entre nós, nesta exposição, alguns desses exemplares únicos, um expoente nesta difícil linguagem.



Figura 3. Júlio Resende, *Sem título*, 1973. Aguarela sobre papel. 29,7x42 cm. Fonte: Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende

Em **Goa**, reflete-se sobre a expressão dos mercados que Resende visitara e se inspirara. Em todas, ou em qualquer esquina havia pretexto de representação dos inúmeros e diferentes cromatismos que Resende registaria e anotaria no seu caderno de esboços.



Figura 4. Júlio Resende, *Sem título*, 1996. Pastel sobre papel. 54x73 cm. Fonte: Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende

Linha, volume, construção, composição, expressão e cor pautaram o seu percurso, sem a ambição de dominar todas as suas particularidades, mas apenas em construir a sua. Que estranha voz, única, fala a sua obra.

Referências

- Giulio Carlo Argan, cit. in Renato de Fusco (1988) *História da Arte Contemporânea*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cf. Fabrice Hergott, “Figuration, défiguration”, in catálogo da exposição : *Manifeste. Une histoire parallèle, 1960-1990*, Paris: Centre Georges Pompidou, 23 Setembro a 13 Dezembro 1993.
- Cf. António Rodrigues, “Anos de ruptura”, in catálogo da exposição: *Anos 60. Anos de Ruptura. Uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta*, Lisboa: Palácio Galveias, Outubro 1994.
- Heidegger, Martin (1996) *Sobre a Essência da Verdade*, In M. Heidegger, *Heidegger: conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural.